

CELSO LUIZ PRUDENTE

ROGÉRIO DE ALMEIDA

(ORGANIZADORES)

# **CINEMA NEGRO:** **Educação, Arte e Antropologia**

DOI: 10.11606/9786587047263

· FEUSP

SÃO PAULO, SP  
2021

# Cinema gay em transversalidades: identidades étnicas, sexuais, culturais e sociais em masculinidades cisgêneras complexas

Ricardo Alexino Ferreira<sup>1</sup>

## À guisa de introdução

A busca pela categorização dos gêneros fílmicos vem sendo construída incessantemente por pesquisadores. No entanto, categorizações têm se mostrado limitantes uma vez que os filmes têm várias sobreposições, principalmente os que têm temáticas LGBTQIA+.

Por esse motivo, classificar filmes com temáticas de identidades sexuais como gênero pode ser algo impreciso e colocar a produção em lugar reservado historicamente, reduzindo-a à sua temática em si e não, necessariamente, ao seu conteúdo.

Além do mais, o universo LGBTQIA+ é tão vasto que somente é possível entendê-lo por segmentações, considerando que não é um monolito, em que as demandas de cada um dos segmentos que compõe a extensa abreviação possa ser a mesma para todos.

O recorte neste artigo é voltado para os filmes que tratam das masculinidades gays e bissexuais cisgêneras, em situações homoafetivas. Repare que masculinidades estão sendo referidas no plural, pois são múltiplas. E entende-se também como homem

---

<sup>1</sup> Professor Associado (livre-docente) da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP)

cisgênero a pessoa que nasce com o pênis e se expressa socialmente, conforme dita o papel de gênero masculino, reconhecendo-se como um homem, enquanto identidade de gênero. Portanto, homem cisgênero se relaciona especificamente ao gênero e não à sexualidade. Pode se referir a um homem que se relaciona com outros homens (gay) ou a um homem que se relaciona com mulheres (heterossexual) ou a um homem que se relaciona com os dois (bissexual). No caso aqui abordado, dois segmentos serão analisados nos personagens dos filmes: o homem cisgênero gay e o homem cisgênero bissexual.

A escolha neste estudo foi por filmes de diferentes nacionalidades, em que homens cisgêneros ampliam a experiência de suas masculinidades homoafetivas em sociedades que tentam a todo custo coibir o relacionamento sexual entre homens. Em todas as produções os roteiros focam em sentimentos arrebatadores que fazem os personagens transgredirem os próprios desejos e sentimentos. As histórias se localizam em diferentes lugares como Israel, Estados Unidos, Hong-Kong, África do Sul e Brasil (Amazonas, Goiás e São Paulo).

Os filmes *O pecado da carne* (israelense, de Haim Tabakman); *Green book: o guia* (estadunidense, de Peter Farrelly); *Os iniciados* (sul-africano, de John Trengove); *Suk Suk: um amor em segredo* (honconguês, de Ray Yeung); *Antes o tempo não acabava* (brasileiro, ambientado em Manaus, de Sergio Andrade e Fábio Baldo); *Vento seco* (brasileiro, ambientado em Goiás, de Daniel Nolasco) e *Sócrates* (brasileiro, ambientado em Santos, litoral paulista, de Alexandre Moratto) foram escolhidos para entender a linguagem, construções simbólicas, arquetípicas, etárias, dentre outros aspectos, daquilo que os filmes têm atribuído como masculinidades cisgêneras.

Todos os personagens protagonistas dos filmes vivem em crise por causa da própria sexualidade, que evolui para uma crise existencial intensa, em que a cada ejaculação é como se fosse uma experiência de quase morte. Nos filmes, todos os personagens, de faixas etárias diferentes, realizam as suas implícitas orientações sexuais de forma escondida, quase marginal.

Em quase todos os filmes, as cenas de sexo transcorrem à meia luz, beirando quase um canibalismo, um sexo ardente, algumas vezes sugerido na cena, mas não explícito. A exceção para isso é o filme *Vento seco*, em que as cenas de sexo são explícitas mostrando pênis, secreções, ejaculações sem nenhum filtro ou censura das lentes das

câmeras, colocando em discussão os limites da pornografia e da arte. Isso é, se é possível fazer tal divisão.

Mas todos os filmes recortados neste artigo têm em comum personagens solitários, melancólicos, confusos e que criam personas para camuflar as suas próprias essências. E são filmes do universo masculino, em que a mulher é apenas uma figurante. Porém, o feminino (livre do gênero) é uma entidade poderosa dentro desse masculino. Por esse motivo, é necessário trazer Jung para esse debate, no seu conceito de anima (em que dentro de cada homem habita o seu feminino).

A homoafetividade nos personagens ocorrem quase como uma explosão, como um recipiente que está transbordando. É o que acontece com o judeu ultra-ortodoxo e açougueiro Aaron, em *Pecado da carne*; o honcongüês motorista de táxi Tai-Bo, em *Suk Suk*; o estadunidense e pianista Don Shirley, em *Green book: o guia*; o sul-africano e iniciador no rito da circuncisão Xolani, em *Os iniciados*; o indígena sateré, operário e cabeleireiro, Anderson, em *Antes o tempo não acabava*; o trabalhador de uma companhia de armazenamento de grãos, Sandro, em *Vento seco*; Sócrates, adolescente negro que mora em Santos, no litoral de São Paulo, em *Sócrates*.

Todos os filmes possuem, em determinados momentos, principalmente na sugestão de relações sexuais, uma meia sombra, efeito conseguido por filtros, evocando uma linguagem de algo que acontece meio que na clandestinidade. Mesmo *Vento seco*, que é o mais explícito de todos, faz uso do filtro amarelo, mesmo porque a narrativa se dá em um lugar seco, com baixa umidade do ar, que faz o personagem principal ter fissuras labiais constantes. E o sexo entre homens em *Vento seco* é totalmente clandestino acontecendo em meio ao mato ou dentro de carros.

Esse tipo de estrutura narrativa e composição de roteiro é comum a todos os filmes analisados. Talvez, a tentação é chamar isso de gênero, mas evitarei esse tipo de classificação.

Outros filmes poderiam ser trazidos para este artigo como *Querelle*, de Rainer Werner Fassbinder; *Moonlight: sob a luz do luar*, de Barry Jenkins; *Me chame pelo seu nome*, de Luca Guadagnino; *Praia do futuro*, de Karim Aïnouz; *Tatuagem*, de Hilton Lacerda e vários outros filmes que utilizam recursos semelhantes de expressão e personagens em crises existenciais.

## Anima

Carl Gustav Jung, em seus estudos sobre o inconsciente apresenta o conceito sobre o anima, em que “todo homem traz dentro de si uma mulher”:

Na Idade Média, muito antes de os filósofos terem demonstrado que trazemos em nós, devido a nossa estrutura glandular, ambos os elementos – o masculino e o feminino –, dizia-se que “todo homem traz dentro de si uma mulher”. É esse elemento feminino, que há em todo homem, que chamei “anima”. Esse aspecto “feminino” é, essencialmente, uma maneira secundária que o homem tem de se relacionar com o seu ambiente e sobretudo com as mulheres, e que ele esconde tanto das outras pessoas quanto de si mesmo. Em outras palavras, apesar de a personalidade visível do indivíduo parecer normal, ele poderá estar escondendo dos outros – e mesmo dele próprio – a deplorável condição de sua “mulher interior” (JUNG, Carl. 2008: 31)

O conceito anima, desenvolvido por Jung, chama a atenção e coloca em xeque a existência de uma totalidade do masculino nos homens, afrontando, de certa forma, o patriarcado. Jung, ao dizer que todo homem traz dentro de si uma mulher possibilita entender a dualidade em todos os seres, já que ele faz também a referência que dentro de uma mulher também existe um homem.

O conceito de anima, desenvolvido por Jung, talvez hoje adquira outros níveis de complexidade, considerando que as sexualidades se tornaram mais fluídas e, muitas vezes, não binárias. Mas, o conceito em si, apesar de não abordar tais outras sexualidades, trabalha com a ideia de que feminino e masculino estão habitando todos os indivíduos e a desarmonia entre masculino e feminino em cada ser pode gerar complicações significativas.

Os filmes analisados trazem tais elementos como parte predominantes nos roteiros. Os personagens tentam a todo custo acessar o seu feminino e, quando são mal sucedidos nessa tarefa, entram em crise profunda.

O anima também se dá em filmes heteronormativos. Os personagens homens heterossexuais que não conseguem acessar com harmonia o seu feminino são marcados

por uma hiperviolência. Isso é possível perceber em filmes blockbusters, com grande apelos populares, em que os roteiros são baseados em muitas mortes violentas e o uso compulsivo de armas, talvez, sugerindo compensações fálicas para negação do feminino dentro desses personagens homens.

Nos filmes em que os personagens são homens gays cisgêneros esses tipos de construções se dão mais no nível da subjetividade. Quanto mais distante do feminino interno, esses personagens entram em ascendente processo depressivo, de isolamento e de negação da própria sexualidade. Por isso, os filmes aqui analisados têm como característica as implosões e não as explosões como nos filmes de matrizes heteronormativas, em que os personagens heterossexuais masculinos usam as armas, a violência e o machismo exacerbado como negação do feminino internalizado. É uma forma, nesses filmes heteronormativos da morte do feminino interno desses personagens homens heterossexuais.

### **Classificação de roteiros: categorias constantes**

Os roteiros dos filmes analisados neste artigo têm características que podem ser classificadas em algumas categorias, que aqui serão chamadas de: “Amor maduro clandestino: o desejo por um”; “Amor jovem clandestino: o desejo por um”; “Sexo fortuito e de ocasião: uma única vez”.

Em “Amor maduro clandestino: o desejo por um” é possível observar essa categoria nos seguintes filmes: *O pecado da carne*; *Suk Suk: um amor em segredo* e *Vento seco*. Os personagens, todos homens gays e bissexuais cisgêneros, se associam com um outro homem específico, mas de forma clandestina, em que as relações em si não são conflituosas, mas o contexto social é que vai trazer tensões, negações e alterações nessas relações. O que existe em comum é que há uma ligação homoafetiva única.

Nesses roteiros, os indivíduos maduros, personagens que aparentam mais de quarenta anos rompem com determinados modelos e criam uma ligação homoafetiva com outros personagens. Essa característica pode induzir a pensar que são homens em crise de idade, que vão experimentar novas formas de prazer. Mas os roteiros vão além. Na classificação “Amor maduro clandestino” os personagens descobrem o que realmente

são e a negação do que foram durante toda a vida. Por isso, nesses filmes, os silêncios, as câmeras quase que sem movimentos bruscos são constantes. O espectador fica meio que escondido e vai entendendo as motivações dos personagens. Existe uma certa delicadeza nessa abordagem, que afasta uma ideia apenas erótica.

Mesmo em *Vento seco*, que traz cenas explícitas de sexo, a mesma estética do silêncio é perceptível. O personagem se relaciona com outros homens, mas tem uma relação homoafetiva constante com apenas um. Ao final, o terceiro homem aparece, mas o filme termina com a ideia de poliamor.

Em “Amor jovem clandestino: o desejo por um” é possível observar que os elementos de roteiro e argumentação são muito parecidos com o do “Amor maduro clandestino”, o que muda é a faixa etária, mas os conflitos existenciais e sociais são muito parecidos. É o que se verifica nos filmes *Os iniciados* e *Sócrates*. No caso desses personagens jovens homoafetivos algumas experiências são suprimidas, como a vida de casados heterossexuais com filhos; as estabilidades sociais e econômicas colocadas em risco. Os personagens nesses filmes são afrontados o tempo todo, mas os riscos são bem menores. Mas a estética é muito parecida, fazendo uso de câmeras com poucos movimentos e o uso do silêncio, substituindo muitas vezes uma trilha sonora musical constante.

Uma outra categoria que pode ser observada é o “Sexo fortuito e de ocasião: uma única vez”. Na seleção de filmes nesse artigo foi possível verificar que dois filmes trazem essa abordagem: *Green book: o guia* e *Antes o tempo não acabava*, em que os personagens não criam laços homoafetivos sexuais com outros homens únicos ou específicos. Coincidentemente (ou não) a sexualidade homoafetiva é transversalizada pelas questões étnicas.

Em *Green book: o guia*, o personagem negro gay experencia o sistema segregacionista nos Estados Unidos e na única situação que o filme sugere um sexo clandestino gay, ele é preso. Em *Antes o tempo não acabava*, o personagem é um jovem indígena, que sai de sua comunidade e vai enfrentar a capital amazonense e vivencia encontros sexuais casuais.

## Considerações continuadas

Este artigo teve como proposta apresentar uma pesquisa continuada que pretende elencar filmes com abordagens das homoafetividades gays cisgêneras e suas transversalidades. Percebe-se que há uma tendência a atribuir filmes com temáticas LGBTQIA+ o rótulo gênero.

Ainda não há consenso que filmes LGBTQIA+ poderiam ser considerados como gênero no cinema, considerando que o próprio segmento envolve muitas variantes de identidades. Mesmo os filmes apresentam diferentes abordagens, estéticas, narrativas e linguagens.

Porém, é possível entender esses filmes com algumas características em comum, como a análise das sete obras abordadas neste artigo: *O pecado da carne*; *Green book: o guia*; *Os iniciados*; *Suk Suk: um amor em segredo*; *Antes o tempo não acabava*; *Vento seco* e *Sócrates*.

Todos esses filmes têm as suas idiossincrasias, mas apresentam pontos de aderência importantes como a resignificação de masculinidades gays cisgêneras. A estética se torna uma linguagem importante, marcada por silêncios profundos como se tentasse adentrar o mundo interior dos personagens.

## Referências

ANDRADE, Sergio e BALDO, Fábio. **Antes o tempo não acabava**. Brasil. 2019. 85 minutos.

FARRELLY, Peter. **Green book**: o guia. 2018. 130 minutos.

FERREIRA, Ricardo Alexino. **Olhares negros**: estudo da percepção crítica de afro-descendentes e outros meios de comunicação: São Paulo: ECA-USP. 2001.

MORATTO, Alexandre. **Sócrates**. Brasil. 2019. 71 minutos.

NOLASCO, Daniel. **Vento seco**. Brasil. 2020. 110 minutos.

TABAKMAN, Haim (diretor). **O pecado da carne**. Alemanha, França, Israel. 2009. 90 minutos.

TRENGOVE, John. **Os iniciados**. África do Sul; Alemanha; França; Países Baixos (Holanda), 2018. 88 minutos.

YEUNG, Ray. **Suk suk**: um amor em segredo. Hong Kong. 2021. 92 minutos.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2018.

## ANEXOS (cartazes dos filmes abordados)



